

LOBATO, Lúcia Fernandes. A pesquisa em arte: O desafio de imprimir a poética sem perder a razão. Salvador: PPGAC-UFBA; professora associada; pesquisadora do GIPE-CIT.

RESUMO

A proposta deste artigo é pensar a pesquisa em arte a partir da implantação das primeiras Pós-Graduações em Artes Cênicas. Exemplifica na Dança as conjunturas e as questões enfrentadas e reflete sobre as características da pesquisa em arte à luz do fenômeno da transdisciplinaridade, da transversalidade e da religação dos saberes. Finaliza por apontar o perfil desejado para o artista/pesquisador e ressalta que seu maior desafio é imprimir a poética no labor investigativo sem perder a razão.

Palavras-chaves: pesquisa em artes – pós-graduação – artista/pesquisador

Challenge for the Poetics of the Actor and Dancer to Appear Without Loss of the Control of Reason

Abstract

This article aims to make us think about the research in art, starting from the implementation of the first performing arts post-graduate courses in Brazil. It also highlights the environment and the problems normally faced by this field, reflecting about the characteristics of the research in art, based on the transdisciplinarity, transversality and reconnection of knowledge. It also defines the desired profile for the artist/researcher and points out that the major challenge for this professional is to create a poetics on the day-to-day investigative process without loss of the control of reason.

Key words: research in art – post-graduation – artist/researcher

La recherche artistique: Le défi d'imprimer la poétique sans perdre la raison

Résumé

L'article propose penser la recherche artistique depuis l'implantation des premiers cours de maîtrise en Arts Scéniques. À titre d'exemple, on parle des conjonctures et des questions affrontées par la danse. Ensuite, on réfléchit sur les caractéristiques de la recherche artistique en face du phénomène de la transdisciplinarité et de la transversalité. Finalement, on pointe le profil qu'on souhaite pour l'artiste/rechercheur et on souligne que le plus grand défi est d'imprimer la poétique au travail de la recherche sans perdre la raison.

Mots clés **Mots clés:** recherche artistique, maîtrise, artiste/rechercheur

A pesquisa em arte: O desafio de imprimir a poética sem perder a razão.

A proposta deste artigo é pensar a arte, no caso exemplificando a dança, para além de suas consequências estéticas e apontar os caminhos trilhados e as encruzilhadas encontradas por aqueles que ousaram, sem abandonar os passos e os palcos, apostar que o pensar-fazer artístico é compatível com a pesquisa científica.

Houve um tempo em que considerávamos pesquisa em dança os processos de investigações temáticas e corporais empreendidos pelos coreógrafos para realizar suas obras coreográficas. Muitos desses procedimentos eram minuciosos e constituíam verdadeiras metodologias de investigação com resultados, às vezes surpreendentes e enriquecedores do espetáculo como conhecimento revelador daquele assunto abordado pela dramaturgia da dança.

Eram esforços altamente bem sucedidos, mas circunscritos ao campo do empirismo. Faltava o rigor da fundamentação e da sistematização exigidas pelos cânones da ciência, e que por esse motivo acabavam perdendo a força do registro investigativo.

Todo esse panorama muda em nosso país com a implantação dos Programas de Pós-Graduações das Artes Cênicas nas universidades brasileiras cujos pioneiros formaram seus primeiros mestres e doutores por volta do início dos anos 2000. Esses Programas tiveram, entre outros, o mérito de promover o encontro da dança com o teatro. Ambos passaram a exercitar uma maior sintonia ampliando seus horizontes e suas interações com o estudo da cena. Afinal o corpo perpassa pela essência dessas expressões artísticas.

O corpo cênico passou, então, a ser estudado, sem a pretensão das hierarquias, tanto no seu potencial de movimento quanto na sua capacidade de teatralização. Esse novo espaço de diálogo produziu diferentes investigações híbridas e transdisciplinares do interesse das artes cênicas provindas tanto da dança quanto do teatro. Assim foram inauguradas linhas avançadas de pesquisa como: da poética, do imaginário, da dramaturgia, da performance, da etnocenologia, das técnicas corporais e tantas outras que dissolveram a tensão da polarização entre a dança e o teatro, viabilizando o espaço salutar do dissenso. Nele, o corpo passou a chamar mais a atenção dos pesquisadores/artistas cênicos como o *locus* onde a virtualidade e a espetacularidade se animavam.

Passada mais de uma década, a pesquisa em dança demonstrou que dançar é uma prática que participa do processo de constituição do sentido de realidade. A arte é inegavelmente diferente da realidade, porém ela é capaz de tornar possível, imaginável e tangível outras realidades.

Foi importante observar, ainda, que adentrar pelos campos da pesquisa acadêmica não só atribuiu maior qualidade a própria criação e ao fazer artístico, mas também estabeleceu um profícuo diálogo com distintas áreas do conhecimento no campo acadêmico. Se a Dança se enriqueceu com outros saberes, por outro lado contribuiu para que estes também descobrissem novas possibilidades de ultrapassar suas fronteiras.

Mas viva a diferença! Temos nossas especificidades. É preciso ressaltar que as pesquisas em arte são transdisciplinares por excelência, eis que por sua essência se colocam no lugar das transversalidades, pois reconhecem que as produções simbólicas são representações do social e, portanto dizem respeito a tudo que é humano. Nesse sentido priorizam a observação sensível das conexões e do entrelaçamento de todos os elementos que constituem um fenômeno social particular estudado.

Outro aspecto a ser destacado é que na pesquisa em arte o que realmente importa não é a elaboração de uma verdade porque a arte não se coloca no lugar da prova ou do julgamento, mas a articulação de valores que situem o pesquisador no âmago do fato revelador do humano. Trata-se de ter o esforço dirigido ao respeito da complexidade das representações simbólicas e aguçar a sensibilidade para perceber suas particularidades no exercício teórico de desvelar suas experiências. Nesse sentido ao pesquisador da arte não cabe uma observação imparcial, mas, ao contrário, é fundamental sua imersão comprometida e emocional no objeto pesquisado.

Não basta ao investigador munir-se de uma grande quantidade de teorias, dados, informações e métodos, sem antes ter se impregnado do viver e das emoções do social investigado. É preciso estar embebido no seu cotidiano, no calor de suas celebrações, dramas, alegrias e idiossincrasias. Em outras palavras deve ser capaz de absorver a cultura, sentindo tanto os seus prazeres quanto as suas amarguras. O pesquisador/artista deve se inserir o mais possível no universo estudado.

Mas esta atitude exige uma abertura para a diferença e o exercício da alteridade, como informa Laplantine (2007, p.160): “implicando uma descentração radical em

relação à sociedade de que faz parte o observador, isto é, uma ruptura com qualquer forma dissimulada ou deliberada, de etnocentrismo”.

Vivemos contagiados pelo padrão de referência e até certo ponto podemos dizer que temos um gosto socialmente e culturalmente formatado. Por isso adverte Camillo Osório (2005, p.45):

É importante ter em mente que o juízo não é necessário se for para confirmar o que já se sabe e que já é a regra, mas sim para potencializar o ainda não conhecido, classificado, formado, dando sentido, ou melhor, procurando sentidos no que está em processo de constituição.

Este comportamento exige do pesquisador assumir o risco de, em alguns momentos, perder as identificações de sua própria cultura. Muitas vezes para compreender seu objeto de estudo precisa mudar todas as suas referências, códigos e categorias lógicas e ideológicas de mundo. O que poderá resultar em não retornar totalmente ileso da experiência e vivenciar uma espécie de estranhamento de seu sistema simbólico de referência. Isto porque não se trata de compreender apenas as manifestações exteriores, é preciso internalizá-las, para perceber os significados daquele imaginário e o que os indivíduos atribuem a seus comportamentos e emoções.

Tudo isso deve levar o investigador para um deslocamento do padrão de referência para encontrar o que está no sombreamento, no fundo das aparências. Segundo François Laplantine (2007, p. 156):

No campo, tudo deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar. De um lado, o menor fenômeno deve ser pretendido na multiplicidade de suas dimensões (todo comportamento humano tem um aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural...).

Por isso o pesquisador da dança não pode se colocar apenas como um especialista, pois sua prática é essencialmente multidisciplinar. Ele deve ser um curioso do fenômeno humano que só poderá ser compreendido à luz de sua complexidade. Este pesquisador deverá costurar retalhos para recompor uma densa rede de interações que lhe permitirá perceber as imbricações dos diferentes sistemas simbólicos que resultam sempre em novas inscrições ético-estéticas.

Assim não basta ter gosto para se tornar um artista. Adverte Camillo Osório (205, p.37) que: “... não basta o gosto para se ajuizar as obras de arte, sendo necessário uma disposição reflexiva, e até mesmo criativa, que ponha em movimento a imaginação, o entendimento e a sensibilidade”. Esta afirmação do autor está direcionada à crítica, que entendo aqui como o próprio labor do pesquisador que deverá ter esta mesma disponibilidade para se lançar na investigação artístico-científica.

Por todas estas razões expostas até aqui no meu argumento, penso que a postura de construir fronteiras acreditando estar protegendo o campo específico da dança e defendendo sua área como de domínio próprio, leva ao isolamento que acarreta a incompreensão dos acontecimentos, a conseqüente estagnação e o abandono do mundo. Essa atitude resulta no retrocesso das conquistas da religação dos saberes e termina pela sua autocondenação ao círculo dos iguais que só se compreendem porque falam uma só língua e se recusam ao diálogo e à proliferação das novas ideias que lhes sejam alheias. Assim agindo estão equivocados, pois o lugar da produção do conhecimento na fronteira não deve ser o do consenso, mas sim a viabilização do espaço do dissenso, pois é nele que vamos encontrar a multiplicidade capaz de dar conta dos desafios contemporâneos.

É fundamental que o pesquisador da dança consiga romper com a os resquícios da tradição intelectual/positivista. Nesse sentido é recomendável fugir das tentações dos binômios como: certo/errado, significante/significado, mente/corpo, e tantos outros. O artista-pesquisador precisa desestabilizar o modelo e para tanto deve abdicar das polaridades e habitar o espaço das tensões que existe entre elas. O importante é colocar em prática as estratégias da desconstrução e ocasionar os espaçamentos, as fissuras e as brechas que vão potencializar as transformações. Deve estar sempre atento e distinguir o *voir* do *regarder*. Deve buscar o que é antes de querer decretar o que deve ser. Isto significa assumir com humildade a relação de alteridade e o princípio da diferença sem hierarquias acolhendo toda e qualquer contribuição bem vinda dos saberes afins.

O pesquisador da dança deve ter sempre em mente que o resultado do seu trabalho artístico-científico não se resume a uma conclusão que traga um efeito de comprovação, pois seu perfil de investigação não persegue este fim. Assim como a essência de sua arte, também a sua meta no labor da investigação deve ser a revelação do fenômeno e da sensibilidade humana. Sabe que nada está fixo e esta noção de movimento também se

aplica aos conceitos e por isso os seus significados estão sempre sob suspeita e propensos a revisão.

Enfim, não deve abdicar de ser um artista embora na função de pesquisador. Para tanto deve imprimir em suas pesquisas o tom, a magia e todo o mistério que envolve a poética. E essa é a nossa grande diferença quando estamos atuando no campo específico da ciência e por outro lado também o nosso grande desafio: imprimir a poética sem perder a razão.

Referências bibliográficas:

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**, SP: Brasiliense Ed, 2007.

OSORIO, Luiz Camillo. **Razões da Crítica**, RJ: Jorge Zahar Ed, 2005.